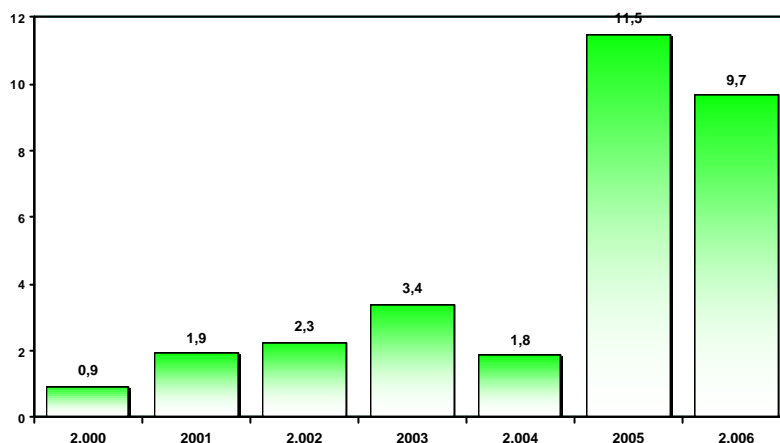


Um crescente número de empresas de países emergentes começa a ganhar participação no universo das transnacionais. Os fluxos de IDE para o Brasil vêm confirmando essa tendência. A parcela de IDE de países emergentes no total de IDE recebido pelo Brasil saltou de menos de 1,0% em 2000 para quase 10% em 2006. Em grande parte, esse salto se deve a investimentos latinos. Essa nova onda de investimentos diretos estrangeiros de países emergentes caracteriza-se pela pulverização. Essa tendência traz pelo menos dois benefícios para o Brasil. Primeiro, reduz-se a dependência do IDE recebido de economias centrais. Segundo, complementa-se os fluxos de IDE já realizados por países desenvolvidos. Não por acaso, portanto, que a trajetória do Investimento Direto Bruto recebido pelo Brasil aponta para rompimento do recorde histórico em 2007.

Aumenta o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) de países emergentes no total de IDE recebido pelo Brasil

É fato que o universo das transnacionais ainda é dominado por empresas de países desenvolvidos. Segundo dados da Unctad¹, 85 de cada 100 empresas transnacionais são provenientes da Europa, Japão e Estados Unidos. Se quisermos ser mais específicos, temos que 73 de cada 100 transnacionais têm sua matriz em apenas 5 países: França, Alemanha, Estados Unidos, Japão e Inglaterra. E mais da metade de todas as empresas transnacionais do Mundo, 53 em cada 100, são norte-americanas. Mas essa realidade começa a se transformar. Um crescente número de empresas de países emergentes e não desenvolvidos começa a ganhar participação nesse universo. Prova disso é a crescente participação do IDE desses países nos fluxos de IDE global: se em 1990 o IDE de países emergentes e não desenvolvidos representava 5,9% do IDE global, no último dado disponível esta participação já havia crescido para 20,5%.

Participação do ide de emergentes e não desenvolvidos (1) no total de IDE recebido pelo Brasil (%)



Nota (1): Não estão incluídos os investimentos realizados por Ilhas Cayman, Bermudas, Ilhas Virgens Britânicas, Bahamas e Antilhas Holandesas

FONTE: BCB
ELABORAÇÃO: SOBEET

Boletim da SOBEET

Avenida Paulista, 326 - 1º andar -
Conjuntos 15/16
01310-902 - São Paulo - SP - Brasil
tel/fax: 55 11 3287-6987/3251-2237
e-mail: sobeet@uol.com.br
site: www.sobeet.com.br

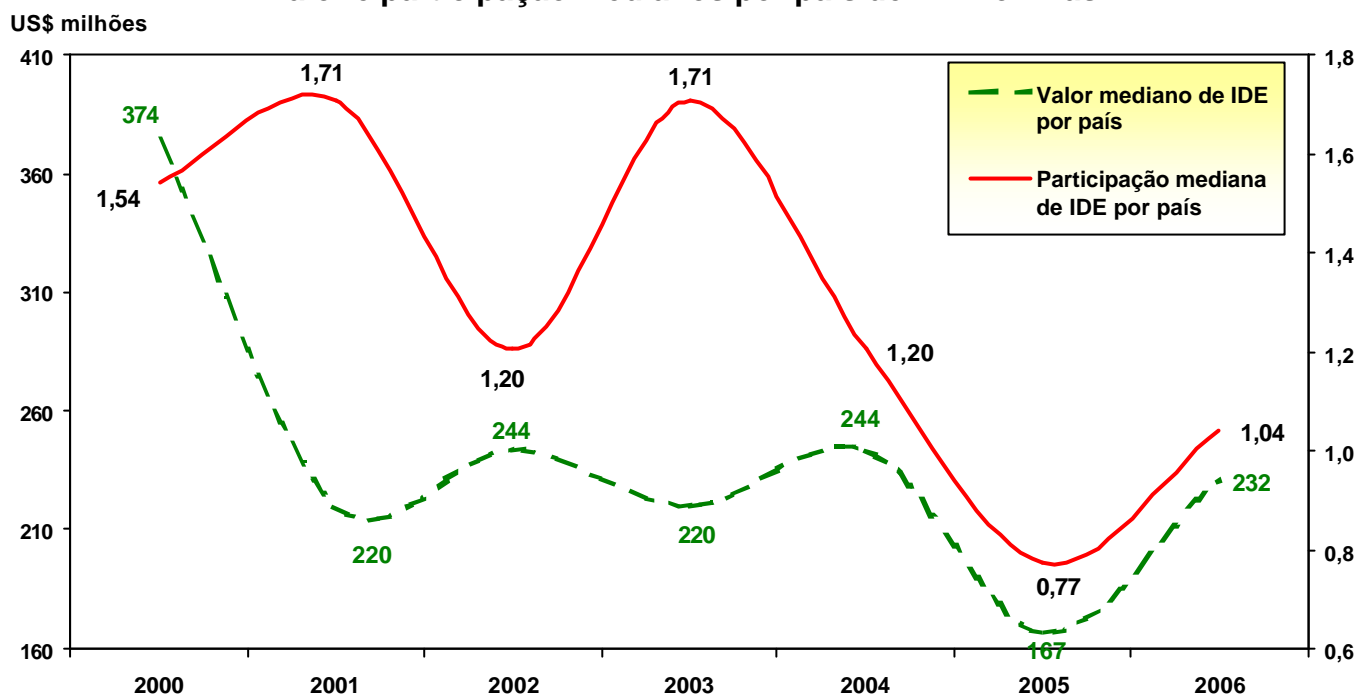
Os fluxos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) para o Brasil vêm confirmando essa tendência. Os investimentos de países emergentes e não desenvolvidos, que há poucos anos sequer constavam nas estatísticas de IDE do Banco Central, passam a ter relevância crescente no total de IDE recebido pelo país. Este é o caso do Chile: em 2000 este país não constava da lista dos 21 países que mais investiam no Brasil, responsáveis por 97% de todo IDE realizado no Brasil naquele ano. No primeiro trimestre de 2007 o mesmo país já responde por 20% dos fluxos totais do IDE realizados no Brasil.

¹ World Investment Report 2006. FDI from Developing and Transition Economies: Implications for Development – Overview. United Nations. New York and Geneva, 2006.

Com a maior importância de países como o Chile nos fluxos de IDE no Brasil, a parcela de IDE de países emergentes no total de IDE recebido pelo Brasil saltou de menos de 1,0% em 2000 para quase 10% em 2006, como se observa no gráfico anterior. Sem dúvida, um aumento expressivo. Em grande parte, esse salto se deve a investimentos latinos. Em 2006, 81% do total de IDE de emergentes e não desenvolvidos vieram de países como México, Colômbia, Uruguai, Costa Rica, Argentina e Chile. No mesmo período, 19% foram provenientes de economias asiáticas, como Coréia do Sul, Hong Kong, Cingapura e Austrália.

Vale comentar que a participação cada vez maior de países emergentes no total de IDE realizado no Brasil não responde a um aumento da participação relativa de países isolados. Na verdade, a nova onda de investimentos diretos estrangeiros de países emergentes caracteriza-se pela pulverização. O aumento de participação de emergentes no total de IDE recebido pelo Brasil se dá por meio de um número em expansão de países cujo IDE no Brasil mal atinge US\$250 milhões ao ano, ou menos de 1,5% do total de IDE realizado no país². Com isso, a participação mediana de IDE por países no Brasil vêm apresentando sistêmica queda nos últimos anos, como se observa a seguir.

Valor e participação medianos por país de IDE no Brasil



FONTE: BCB
ELABORAÇÃO: SOBEET

Conclui-se que o aumento de fluxos de IDE de países emergentes e não desenvolvidos para o Brasil não constitui uma exceção. Trata-se apenas da confirmação de uma tendência já observada globalmente. Aliás, isso vale também para o IDE realizado pelo Brasil: em 2006 o Investimento Brasileiro Direto no exterior, de US\$ 28,2 bilhões, pela primeira vez superou o Investimento Direto Estrangeiro no Brasil, de US\$ 18,8 bilhões no mesmo período. Essa tendência de crescentes investimentos diretos de países emergentes e não desenvolvidos traz pelo menos dois benefícios para o Brasil. Primeiro, reduz-se a dependência do IDE recebido de economias centrais. Segundo, representa um complemento aos fluxos de IDE já realizados por países desenvolvidos. Não por acaso, portanto, que a trajetória do Investimento Direto Bruto recebido pelo Brasil aponta para rompimento do recorde histórico em 2007, como mencionado em nosso boletim anterior.

² As exceções ficam por conta dos casos dos IDE do Chile e do México, cujas participações no total de IDE recebido pelo Brasil no primeiro trimestre de 2007 atingiram 20% e 7,4%, respectivamente.

PRESIDENTE e DIRETOR FINANCEIRO: Luis Afonso Fernandes Lima (Grupo Telefónica)

VICE-PRESIDENTE: Reynaldo Passanezi (BBVA)

DIRETORA TÉCNICA: Maria Antonieta Del Tedesco Lins (PUC-SP/FGV Projetos)

DIRETOR: Nicola Tingas (Economista-chefe FEBRABAN)

DIRETOR: Fernando de Paula Rocha (JGP Gestão de Recursos)

CONSELHO CONSULTIVO:

PRESIDENTE: Hermann Wever (Siemens Brasil)

André Costa Carvalho (Banco Credit Suisse); **Antônio Corrêa de Lacerda** (PUC-SP); **Antonio Martins da Cunha Filho** (DECEC-BACEN); **Antonio Prado** (BNDES); **Armando Castelar Pinheiro** (IPEA); **Arno Meyer** (Ministério da Fazenda); **Carlos Eduardo Carvalho** (PUC-SP); **Carlos Kawall** (Ministério da Fazenda); **Christian Lohbauer** (ABEF); **Gustavo Franco** (PUC-RJ); **John E. Mein** (Consentes); **Luciano Coutinho** (IE-UNICAMP); **Marcelo Resende Allain** (Nestlé); **Maria Helena Zockun** (FIPE-USP); **Maurício Mesquita Moreira** (BNDES); **Octavio de Barros** (Bradesco); **Otaviano Canuto** (BID); **Renato Baumann**(UnB/ CEPAL-Brasil); **Ricardo Bielschowsky** (CEPAL-Brasil); **Rolf-Dieter Acker** (BASF); **Rubens Barbosa** (Ex-Embaixador do Brasil em Washington); **Rubens Ricupero** (Ex-Secretário Geral da UNCTAD) ; **Sandra Polónia Rios** (CNI); **Vera Thorstensen** (Missão do Brasil na OMC); **Virene Roxo Matesco** (EPGE/IBRE-FGV-RJ); **Winston Fritsch** (Rio Bravo); **Yoshiaki Nakano** (FGV-SP)

Mantenedores



ThyssenKrupp Metalúrgica
Campo Limpo

uma empresa
ThyssenKrupp Automotive

